

ÉTICA E TRANSFORMAÇÕES NO JORNALISMO – A PERSISTÊNCIA DE ANTIGOS DILEMAS FRENTE À INSERÇÃO TECNOLÓGICA

ETHICS AND TRANSFORMATION IN JOURNALISM: THE PERSISTENCE OF OLD DILEMMAS IN FRONT TECHNOLOGICAL INSERTION

Edgard Patrício*

RESUMO:

A inserção da tecnologia na produção do Jornalismo sempre veio acompanhada de discussões éticas. Com o uso intensivo da internet nos procedimentos de obtenção da informação, a discussão se acirra e acaba monopolizando o debate sobre ética e Jornalismo. Essa predominância da discussão sobre ética e Jornalismo, quando presente a vertente tecnológica, não é de agora. A última atualização do Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros ocorreu em 2007 e foi motivada pela discussão específica sobre a utilização da câmera oculta enquanto artefato no processo de investigação jornalística. E como ficam os demais ‘deslizes éticos’? Para além da inserção tecnológica, o Jornalismo continua propiciando momentos em que o profissional se depara com dilemas éticos. É na tentativa de se estabelecer uma ‘cartografia’ desses momentos, em um ambiente de transformações, que esse artigo trata. Entrevistamos 15 profissionais jornalistas com atuação no mercado de trabalho de Fortaleza. Os resultados das análises apontam a influência limitada das novas tecnologias enquanto elemento definidor da postura ética do jornalista frente a seus procedimentos de apuração. Ao mesmo tempo, identificam persistências de dilemas éticos anteriores à utilização das novas tecnologias enquanto ferramentas utilizadas nos procedimentos de apuração do Jornalismo.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo, tecnologia, ética.

ABSTRACT:

The insertion of technology on journalism’s production has always come accompanied by ethical discussion. With the intensive use of Internet on procedures of obtaining the information, the discussion rages and monopolizes the debate about ethics an journa-

* Jornalista e professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará. edgard@ufc.br

lism. This predominance of discussion about ethics and journalism, with the technological slope, isn't new. The latest update of Code of Ethics for Brazilian Journalists is from 2007 and was motivated by the specific discussion about the use of hidden camera as an artifact in the journalistic investigation. And how are the others 'ethical lapses'? Apart from the insertion of technology, the journalism continues to provide times when the professional finds ethical dilemmas. Trying to do a cartography of this moments, in a place of transformation, we have this article. We interview 15 journalists acting at Fortaleza. The results of the analyses show the limited influence of new technologies like defining element of the ethical stance of the journalist in front of their procedures for canvass. At the same time, identify persistences of ethical dilemmas prior to the use of new technologies as tools used in the procedures for canvass of Journalism.

KEYWORDS: Journalism, technology, ethics.

A ÉTICA E O EXERCÍCIO DO JORNALISMO

Os códigos de ética de atuação profissional sofrem atualizações ao longo do tempo. Esse é um movimento que atesta uma adequação da conduta ética profissional às transformações sociais. Os códigos de ética são “definidos, revistos e promulgados a partir da realidade social de cada época e de cada país”, conforme Camargo (2004, p. 34), embora ressalte que “suas linhas mestras”, porém, são “deduzidas de princípios perenes e universais”.

Camargo ainda compreende que

A ética profissional é a aplicação da ética geral no campo das atividades profissionais; a pessoa tem que estar imbuída de certos princípios ou valores próprios do ser humano para vivê-los nas suas atividades de trabalho. De um lado, ela exige a deontologia, isto é, o estudo dos deveres específicos que orientam o agir humano no seu campo profissional; de outro lado, exige a dicitologia, isto é, o estudo dos direitos que a pessoa tem ao exercer suas atividades. (op. cit., p. 32)

A última revisão do Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros aconteceu em 2007, depois de 20 anos da última atualização. Um dos aspectos que ‘forçou’ a atualização do Código foi a crescente utilização do procedimento da câmera escondida para produção de matérias de natureza mais investigativa. Mas os ‘dilemas’ éticos acompanham o jornalista em todo o processo de produção do Jornalismo. Ele se submeteria, assim, a um código de ética ‘provisório’, sempre tentado a extrapolar as restrições que lhe impõe a condicionante ética. Como acentua Costa (2009), ao afirmar que algo “como

esse código moral temporário é criado pelo jornalista de diferentes formas e em diferentes situações - mas sempre com o objetivo de relativizar situações e justificar comportamentos reconhecidamente contestáveis do ponto de vista da moral” (p. 253). Isso porque,

Atrás de uma escolha de assunto, de uma decisão de pauta, de uma ordem de publicação, de um algoritmo de busca, há uma visão de mundo, uma concepção ética, mesmo que essa concepção esteja absolutamente descomprometida de qualquer regra moral - mesmo que, na melhor das hipóteses, o descompromisso exista por uma total ignorância da regra moral. (pp. 257 e 258)

Depreende-se, assim, que essas idas e vindas do jornalista à sua ‘consciência ética’ se dissemina em todo o processo de produção do Jornalismo, em todas as suas etapas, partindo-se da ideia da pauta, passando por sua discussão, apuração, redação, edição e a diagramação da matéria produzida. O caminho a percorrer é longo, e ao longo desse caminho vão se interpondo momentos que podem pressupor o jornalista ao que condicionamos chamar de ‘deslize’ ético, ou uma tomada de decisão que contraria a normativa aceita pela categoria, seu código deontológico. E a cada passo surgem esses momentos, porquanto o Jornalismo seja “uma atividade de mediação da realidade, porque implica decidir sobre muitos caminhos diariamente, atinge terceiros, forma opinião e registra uma ideia do mundo e das coisas”. (CHRISTOFOLETTI, 2008, pp. 20 e 21)

Outra especificidade do campo de atuação do jornalista é que ele lida com manipulação de informação que pode repercutir na vida das pessoas que estão envolvidas direta ou indiretamente nos fatos que são relatados. E não há como fugir da percepção de que elaboração de relatos pressupõe lançar dúvidas sobre a veracidade ou não da informação repassada. Essa seria mais uma especificidade que teria reflexos nas condicionantes éticas interpostas ao jornalista.

A verdade é um valor moral vigente em nossa sociedade. Médicos, bancários, secretárias e garis podem cultivar firmemente esse valor, que encontra um especial acolhimento entre jornalistas, pois o apego ao que chamamos de verdade é um dos pilares de apoio do jornalismo. (...) Nesse sentido, a verdade é um valor extensivo a todos os cidadãos, mas entre os jornalistas parece pesar mais. Isso não significa que jornalistas sejam mais verdadeiros que as demais pessoas, mas que transgredir nesse terreno provoca consequências mais graves para esses profissionais. (...) Então, se pensarmos em campos de atuação, existem diversas éticas e vários encaminhamentos e posturas. (CHRISTOFOLETTI, p. 21)

Mas, se a trilha da produção do Jornalismo é sacudida constantemente por momentos em que se põe à prova a ética do profissional, ou que se requer seu juízo valorativo sobre cada uma das situações com as quais se depara, como se consegue chegar a um conjunto de normativas que tem a pretensão de orientar a conduta de todo um segmento de profissionais, de toda uma categoria, frente à diversidade dessas ocasiões? Kucinski (2004) lança mais um ingrediente a essa indagação, pois cada indivíduo, “nesses tempos pós-modernos, teria a faculdade de decidir sua própria conduta, cultivar seus próprios valores. É o retorno a mais primordial de todas as discussões éticas: a da possibilidade ou não de haver uma ética”. (p. 24)

Uma possibilidade de entrada nessa discussão talvez seja ir ao encontro dos jornalistas, escutar deles que momentos são esses que predispõem o enfrentamento de dilemas ou de cometimento de ‘deslizes’ éticos, que discernimentos embasam a sua tomada de decisão, que condicionantes atuam para a escolha desse ou daquele caminho. A partir de seus relatos, estruturar uma pretensa ‘cartografia’ desses momentos, na perspectiva de se chegar a categorias de realidades que possam orientar uma normativa comum para o exercício da ética no Jornalismo.

AS DEFINIÇÕES METODOLÓGICAS PARA O TRABALHO

Para a realização de entrevistas com 15 profissionais jornalistas, com atuação em Fortaleza, material básico desse artigo, contei com a colaboração dos estudantes da disciplina “Éticas e Práticas Jornalísticas”, do 8º período do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Ceará, do qual fui professor. Seleccionados os nomes, os estudantes eram divididos em equipes. Cada equipe ficava responsável pelo levantamento das informações da atuação daquele profissional, a produção de um roteiro básico de entrevista e a elaboração de um perfil jornalístico do profissional sob a orientação do professor. Todas essas informações eram socializadas entre todas as equipes, que faziam suas considerações sobre o material coletado. No encontro seguinte, realizávamos a entrevista e fazíamos uma avaliação da ‘performance’ do entrevistado e das equipes, já em preparação para a entrevista seguinte.

Todos os profissionais foram alertados para o fato de que as entrevistas, em sua íntegra ou editadas, poderiam fazer parte de uma publicação, como um dos resultados do trabalho. Mas, em razão das autorizações não terem sido coletadas de modo formal, e do que poderiam representar as opiniões desses profissionais em suas relações

de trabalho, optamos por não citar seus nomes. As falas de cada um dos profissionais entrevistados serão indicadas, nesse artigo, a partir de números. Mas descrevemos sua atuação profissional na época da realização de sua entrevista, para que se tenha ideia da diversidade alcançada pelos participantes.

Quadro 1 – Relação de entrevistados para a pesquisa

Entrevistado	Ocupação
01	Chefe de redação de TV
02	Professor universitário da área de Comunicação Social
03	Repórter de jornal impresso
04	Editor de imagens de jornal impresso
05	Colunista de jornal impresso e blog
06	Coordenador de um informativo digital apócrifo que analisa a atuação da imprensa cearense
07	Sócio de uma empresa de assessoria de comunicação
08	Comentarista de um jornal de TV e colunista de jornal impresso
09	Cronista esportivo de rádio, TV e impresso
10	Assessor de comunicação de uma instituição pública
11	Apresentadora e repórter de TV
12	Professor universitário da área de Comunicação Social
13	Editora de jornal impresso
14	Repórter de jornal impresso
15	Editora de um portal de notícias

Fonte: Produção própria

Os depoimentos, colhidos a partir de entrevistas coletivas realizadas pelos estudantes, sob a supervisão do professor, tiveram, em média, três horas de duração cada. Os roteiros das entrevistas, preparados em reuniões prévias, sinalizavam para questionamen-

tos acerca da relação entre ética e responsabilidade social do jornalista; a aproximação entre ética e demanda pela informação de interesse público; a ética na dimensão da empresa jornalística, enquanto vinculada a um serviço público; a relação entre ética, tecnologia e jornalismo; os mecanismos de acompanhamento e julgamento dos deslizes éticos cometidos por profissionais jornalistas; o papel da formação acadêmica na preparação do jornalista para o exercício ético da profissão.

Além desses questionamentos, os profissionais jornalistas foram instados a socializar os dilemas éticos que vivenciaram ou vivenciam em sua prática profissional de produção do jornalismo. Em relação a esse último aspecto, o tempo de exercício profissional dos jornalistas convidados a dar seus depoimentos (de profissionais há pouco tempo graduados a profissionais com experiência consolidada no mercado e na academia) contribuiu para que pudessem ser percebidas as transformações da relação entre ética e prática profissional do jornalismo ao longo do tempo. A dimensão da inserção tecnológica é representativa nessa relação de profissionais pelo fato de muitos exercerem funções amplas dentro das redações, como em coordenadorias e chefias de editorias. Vinculado a essa perspectiva, mesmo que estejam elencados como profissionais ligados ao meio impresso, o processo de convergência midiática, ora verificado, faz com que essa filiação hoje já possa ser considerada ambígua, ou pouco precisa.

CARTOGRAFIA DA ÉTICA NA PRODUÇÃO DO JORNALISMO

1. A AUDIÊNCIA PELA ESPETACULARIZAÇÃO

Os deslizes éticos têm uma relação intrínseca à busca de audiência pautada pela espetacularização da informação. E ocorre uma associação quase instantânea entre espetacularização da informação e um segmento de programação televisiva que passou a ser reconhecido a partir de um conjunto de programas que exploram o chamado 'mundo-cão'. São os programas 'da bala', que têm a violência como ingrediente básico e o desrespeito aos direitos humanos como dimensão orientadora. Nosso Entrevistado 01 não foge dessa associação quando instado a comentar sobre a relação do seu programa com a ética jornalística.

A gente depende da audiência. A gente voltou a ser vice-líder porque mudou algumas coisas. O público da TV X [para a qual trabalha], ainda é um público praticamente C, D e E. Das televisões populares, a TV X é a que tem mais público A e B, mas ainda é muito público C, D e E. E é esse público a gente sabe do que é que gosta. Gosta de sangue, de corpo, da pessoa chorando três horas no vídeo porque o filho morreu. E a gente acaba tendo o dilema ético, porque, ao mesmo tempo em que nós temos que abordar, temos que aprofundar jornalisticamente, muitas vezes a gente acaba tendo que explorar muito o fato. E acaba sendo um

pouco exagerado. (...) Sempre tentando ligar a questão editorial à questão da audiência. Eu não posso fazer um programa [que explora o mundo-cão] light.

Partindo-se desse relato, depreende-se a importância da empresa de comunicação no direcionamento ético do profissional jornalista, pois a “preocupação ética, deontológica, se existe formal e normativamente nas instruções da mídia tradicional, inexistente em inúmeras de suas práticas. Dependendo da situação, pode existir ou não” (COSTA, p. 237)

O mesmo profissional também se apoia nos hábitos da audiência para justificar a exploração da informação vinculada ao sensacionalismo.

É engraçado isso que eu vou falar, mas na grande parte dos crimes, os familiares estão tão acostumados com aquele sofrimento, com a condição social na qual vivem, e já estavam tão preparados para o que ia acontecer de ruim, que muitos não estão nem aí. Pais e mães dão entrevista pra gente como se tivesse morrido um cachorro. Nós, que somos pessoas com um pouco mais de condição social, temos condições de trabalharmos melhor os nossos sentimentos com relação a quem amamos.

Outro jornalista, nosso Entrevistado 14, que atua na editoria policial de um jornal impresso de Fortaleza, já presenciou casos em que o sensacionalismo predomina na cobertura jornalística, ultrapassando os limites éticos do exercício profissional.

Pronto, eu vou até te dar um exemplo. No dia seguinte do [caso do] professor¹, dois irmãos foram encontrados mortos no Dias Macedo [bairro de Fortaleza]. Eram dois caras, assaltantes, foram encontrados mortos. Quando eu chego, assim que eu chego, um dos corpos no chão e a mãe dele chega, abraça [o corpo] e desmaia. Eu já fiquei assim atordoado. Demorou, sem brincadeira nenhuma, dez minutos ela desmaiada. Assim que a senhora se levantou, ela tipo acordou, ela tava deitada no chão e se sentou, vieram três microfones pra cima na hora, e uma menina que, eu não sei o que era dela, disse assim: “meu povo pelo amor de deus ela não tá em condições de falar”, é tanto que eles perguntando, aí essa menina foi dar uma água pra ela, e tava toda tremendo e tal, o copo caiu e quebrou. E ela eu não sei se não teve essa consciência de não dar a entrevista, ela ficou chorando e [sem] falar coisa com coisa.

2. AS FONTES E OS INTERESSES

A relação com as fontes originais discute as acirradas no Jornalismo. Isso tem uma compreensão lógica, uma vez que as informações provindas de fontes são a base da produção do material jornalístico. Uma dessas discussões, e que remete à ética profissional, é sobre os limites de aproximação entre o profissional jornalista e sua fonte.

E os dilemas e deslizes éticos se sucedem com essa proximidade. Como demonstra a fala do nosso Entrevistado 05.

Raramente eu caio em uma nota plantada, mas quando eu caio, doutor, o camarada que me passou, ele que se aguenta, porque eu sou vingativo nesse aspecto. Você sonegar informação para mim, que eu adoro informação... Um exemplo disso, que eu posso até declarar, é o secretário de planejamento do Estado, Eduardo Diogo. Eu ligava pra ele: “Secretário, alguma informação boa?”. “Não, não tem não. O governador me proíbe”. E eu: “o governador te proíbe? Diga isso não!”. Mas ele divulgava para o Egídio Serpa, por exemplo [repórter do jornal concorrente]. Quando eu estava no aeroporto, entrevistando um assessor do secretário, “Não, eu não possa falar não, o secretário não quer”. Então, eu dei duas cacetadas no secretário, num instante se ajeitou. Eu coloquei: “Não adianta a imprensa procurar o secretário Eduardo Diogo, porque toda pergunta que se faz sobre a pasta dele, ele transfere para o governador responder”. E eu botei o título: “Pau mandado”, o título. Se eu sou um profissional jornalista e quero informação que acho importante, é ético o secretário barrar e dizer que é só o governador e ao mesmo tempo liberar para outros colegas nossos? Isso é ético? Vejam como é que fica a questão. Tudo bem que ele era fonte do cara, mas ele foi procurado para confirmar uma informação e ele sonegar informação?

Partindo-se do depoimento, é possível se pensar na determinação da produção do Jornalismo vinculada a ‘padrões’ éticos. É “claro que o jornalista também é um cidadão e possui valores morais e éticos, como os de qualquer outra pessoa”²

como afirma Christofolletti (2008, p. 20). No entanto, no exercício da profissão ele seria “influenciado em suas decisões por princípios próprios do jornalismo”, pois “o jornalismo possui um conjunto de valores que ajuda a defini-lo como atividade e sinaliza como se deve agir praticamente”. Haveria “um ethos profissional, um espírito próprio de como se colocar nas situações e de como se relacionar com as pessoas, seguindo certos valores” (p. 22).

Nosso Entrevistado 14 também já vivenciou ocasiões em que a ética profissional sucumbiu à relação entre jornalista e fonte.

(...) a gente vê, [repórter] chegando [assim]: “ê delegado, e tal”, e vai abraçando o delegado, pergunta como o delegado está e fala que tinha saído com o delegado pra beber num sei aonde e tal, e é lógico que essas pessoas acabam conseguindo mais informações, a gente sabe que tem repórter que o policial vai estar ligando a cada ocorrência.

Os jornalistas tentam justificar uma relação mais aproximada com a fonte a partir da importância que a informação obtida pode ter para a sociedade. Mesmo que isso descambe para um ‘deslize’ ético. Sobrepõem a relevância social da informação à

sua postura ética. Apostam, assim, na presunção de que ‘os fins justificam os meios’. Como revela o nosso Entrevistado 08 frente a pergunta “No exercício do Jornalismo, você acha que os fins sempre justificam os meios?”

Se eu acho? Não sei, cada caso é um caso. Você vive situações que nunca mais vão se repetir na tua vida. Então, que você negocia com a fonte, às vezes você negocia. Todo bom jornalista, numa situação em que há reconhecimento, ele negocia com a fonte. Ele negocia, há uma troca de interesses. Qual o interesse da fonte? Publicar aquilo. Ela se beneficia com aquilo? Se beneficia, porque tal denúncia vai prejudicar alguém. Pegue o noticiário de hoje, que eu vou te dizer o que é ‘balão de ensaio’ e o que não é. Então, na relação com a fonte, existe sempre uma relação de troca. Não é troca financeira, é troca de interesses mesmo.

3. A NÃO IDENTIFICAÇÃO COMO PROFISSIONAL

Na tese de que a obtenção de informações de relevo social pode sobrepor eventuais dilemas éticos, os jornalistas omitem a informação de que estão em exercício profissional para não ‘afugentar’ as futuras fontes. É o que revela nosso Entrevistado 03, que utilizou esse ‘artifício’ na produção de uma reportagem sobre exploração sexual de adolescentes nas rodovias federais do Ceará.

Algumas meninas, nesse percurso, a gente foi a 20 cidades, não sabiam no começo, porque aí é uma questão de abordagem. Tem horas que eu vou chegar e está na minha cara que eu sou repórter, horas que não vai estar na cara. Tem horas que eu vou me apresentar como repórter, tem horas que eu não vou me apresentar como repórter.

Nesse caso, a orientação do nosso entrevistado se aproxima da visão de Christofolletti (2008) sobre a relação entre ética e Jornalismo. Para o autor, no “jornalismo, como em outras atividades, é necessário buscar uma forma de combinar fazer bem com fazer o bem. Vincular técnica e ética” (p. 34), o que, a princípio, sugere uma postura ‘maleável’ no tratamento da ética jornalística.

O mesmo entrevistado exemplifica a importância da abordagem no processo de produção do Jornalismo, o que poderia justificar a falta de identificação do repórter em processo de produção de uma matéria.

A abordagem é um negócio que a gente vai aprendendo. Até no namoro, abordagem é uma história, né? E no Banco Central [roubo do Banco Central, em Fortaleza, quando foram levados R\$ 160 milhões], por exemplo, eu até brinco com essa história, virou folclore, mas é [verdade]. Na hora que a gente tava em uma barzinho, na [Rua] 25 de março - tem um barzinho ali na esquina, quase em diagonal com a Padaria Espiritual ali - e lá eu não tinha

me identificado como repórter e tava com outra repórter lá. (...) Quando irrompeu uma bonitona do Canal 10 [TV Verdes Mares]. A bicha era bonita mesmo. Não me lembro como era o nome da repórter, toda pintada, no salto e com o cinegrafista. Toc, toc, toc, toc [imitando o barulho do salto no piso]. Entrou, aí levantou o pescoço e [perguntou]: “O senhor, é o dono do estabelecimento?” “Sou”, e ficou logo assim [ressabiado]. “O senhor me daria uma entrevista sobre o assalto ao Banco Central?” “Não, eu não sei, eu não tenho nada...” “Não, não se preocupe, eu só quero que o senhor diga algumas coisas”. “Não, eu não quero me envolver com isso, ainda mais a minha imagem não quero que apareça, eu tenho medo”. “Não se preocupe, a gente faz sombra, faz não sei o quê...”. Explicou todos os procedimentos técnicos que só quem tá na universidade deve saber. Olha, se cara vai saber o que era quadricular! E o cara “Não, mas, inclusive tem dois colegas da senhora ali” Que éramos eu e a minha amiga [risos]. E aí ela olhou e disse: “Mas eles são do impresso”. Aí o homem disse: “Não, mas eu não queria não”. “Muito obrigada”. Deu meia volta e saiu bonita, maravilhosa. É uma abordagem doida. Isso é uma loucura. (...) Cada ocasião é uma historinha que vai se fazendo. No caso das matérias sobre exploração sexual de adolescentes, existiam locais que a gente já se apresentava, outros não, porque a cobertura era à noite, o horário da gente colher informações era de noite.

Nosso Entrevistado 05 também acolhe com naturalidade a estratégia de ‘disfarce’ do jornalista para obter informações. E novamente apela à relação com a sociedade para justificar esse procedimento.

Às vezes, você quer uma informação e não consegue e se posiciona com outro tipo de personalidade, personagem, para tentar a informação. Eu acho que desde que a informação não seja para prejudicar a sociedade, eu acho que posso usar. O Alan Neto, por exemplo, em uma entrevista que ele deu ao Jornal O Povo, disse que em um hotel ele se passou como garçom, trocou com um garçom e conseguiu fazer uma entrevista com o Tostão. Uma maravilha, entrevista nacional, depois ele disse: “eu sou jornalista, não consegui ter acesso aqui, porque a segurança não deixou, queria te entrevistar, o que você acha?” E foi uma entrevista maravilhosa. Às vezes, tem esse tipo de artimanhas, no bom sentido, que se faz. Eu faço muito, me passo, por exemplo, por amigo de alguns políticos para conseguir alguma coisa. Você só vai saber se é ético ou não na prática.

4. ENTRE O INTERESSE ECONÔMICO E A RESPONSABILIDADE SOCIAL

Dilemas éticos também estão relacionados a situações em que o jornalista atua em mais de um local de trabalho. E a superposição de interesses aparece durante seu exercício profissional. Sua atuação em assessorias de imprensa, ao mesmo tempo em que trabalha para veículos de comunicação, predispõe essa superposição. É isso que nos conta nossa Entrevistada 15.

Me vi várias vezes em uma situação dividida pelo simples fato de eu trabalhar em um veículo de comunicação e em uma assessoria de imprensa, independente de ser uma Secretária de Esporte. (...) É uma relação quase comercial. Eu preciso que você reverbere essa ação. Você utiliza, inevitavelmente, de alguma aproximação que você tem. É inevitável. (...) Você só vai sugerir uma boa pauta para veículo específico de TV que é o Bom dia Ceará (telejornal matinal da TV Verdes Mares), se você conhece como é que funciona uma redação de TV, como é a linha editorial do Bom Dia Ceará, qual a angulação ideal que você pode conseguir para ganhar o Bom Dia Ceará. (...) E essa informação privilegiada, você utiliza. É inevitável.

E para o profissional que é jornalista de profissão, mas patrão por condição? Como se equilibra entre os interesses comerciais e o âmbito de responsabilidade social da informação que dissemina? Nosso Entrevistado 07 é proprietário de uma empresa de assessoria de comunicação. E também se depara com dilemas éticos em seu trabalho.

(...) Às vezes o cliente, no afã de divulgar, exagera no devaneio, e a gente leva “bola nas costas” de vez em quando. Vou contar um caso clássico em que a gente levou, há muito tempo. Havia um senhor que era diretor de uma entidade, um cara gente boa, mas eloquente demais. Tudo era muito exagerado. Aí a gente foi trabalhar em um evento no Centro de Convenções. Acostumados a trabalhar por lá, nós temos a dimensão do que é aquele espaço. Preparando o material, quando foi fechar o *release*, eu disse: “Olha, Dr. Fulano, faltam duas informações fundamentais: a questão do investimento e a dimensão do público esperado”. Aí ele respondeu: “Essa feira vai ser um sucesso, rapaz! Nós vamos botar 60 mil pessoas lá no Centro de Convenções!”. Eu fui anotando as informações e na hora me deu aquele estalo: “Égua, o [estádio] Castelão lotado não tem 60 mil pessoas! Quando dá 30 mil já é gente que só uma peste. Como é que vai caber 60 mil pessoas no evento?”. Aí eu perguntei: “Dr. Fulano, esse público é público circulante? É o público total do evento? Porque 60 mil pessoas é muita gente, viu?!”. Mas ele insistiu em colocar no material. Aí na noite de abertura do evento tinha uma equipe da TV Jangadeiro, da TV Diário e não sei se o pessoal do jornal O Povo também estava. Aí o repórter da TV Jangadeiro, muito gaiato, disse: “Vou entrevistar aqui o organizador do evento, mas 60 mil pessoas, hein...”. Tinha alguns “gatos pingados” no evento.

Nesse caso, outros elementos estão presentes no processo de produção jornalística, em relação às posturas éticas dos profissionais. Na prática diária, a preocupação ética perderia “consistência, pois as necessidades do presente, as imposições empresariais e as palavras de ordem de superiores hierárquicos falam mais alto” (COSTA, 2009, p. 252). Esses conflitos de interesses se mostram evidentes também no funcionamento das estruturas de comunicação de órgãos públicos. Seja de qual poder for, esses serviços lidam com informações que, a princípio, deveriam ser públicas. Nesse caso, seria o sonho de todo jornalista - não ter barreiras em seu trabalho de disseminação da informação, orientado apenas pelo bem público que essa informação vai proporcionar.

Mas, não é bem assim que acontece. Nosso Entrevistado 10, como jornalista da estrutura de comunicação de uma prefeitura, já enfrentou situações em que essa orientação foi relegada.

Você discute isso com o gestor. Muitas vezes o gestor aceita, outras vezes, não. Boa parte do grupo gestor da Prefeitura achava que [imita] “a gente ficar informando atraso é pior ainda!” Você não está informando atraso. Você vai informando as coisas que vão acontecendo, mas eles preferiam não chamar a atenção para o que está acontecendo. Eu acho que, estrategicamente, isso funcionou errado. Estou aqui também fazendo uma autocrítica. Muitas vezes é melhor você antecipar o problema do que ficar jogando-o para debaixo do tapete. Eu prefiro falar antes.

“Você já omitiu uma informação de forma deliberada?”

Já. [Silêncio] Olha, em questões muito graves a gente, graças a Deus, nunca tive que fazer. Sempre foram questões menores. Não foi nada de absolutamente grave que compromettesse a imagem da gestão, mas acaba gerando desgaste. [Desgaste] seu com a imprensa. Vou dar um exemplo, para vocês entenderem o que eu chamo de questão menor. Uma vez, a prefeita tinha uma reunião com o governador, e era uma reunião secreta - o termo é esse. A informação vazou para alguém de um veículo daqui e o cara foi bater na sede da prefeitura. O cara viu o carro [do governador] saindo, aí ligou pra mim: “O governador teve reunião com a prefeita”? Eu tinha ordem para não dizer. “Não, teve não”, “Mas eu vi o carro!”, “Você deve ter tido uma ilusão de ótica”. [Risos] Pegou mal para mim, fui desmentido no dia seguinte.

5. A TÉCNICA DE PRODUÇÃO

Em nossas entrevistas, relatos de profissionais apontam que o pressuposto ético tem uma vinculação estreita com a vertente técnica da produção jornalística. Mas sem deixar de estabelecer uma relação entre técnica, ética e interesses da empresa jornalística, esses últimos acabando por ‘forçar’ o profissional ao cometimento do deslize ético. É o que pensa nosso Entrevistado 12.

(...) Porque o deslize ético, pra mim, tá muito mais ligado e presente na incompetência da apuração, na imprecisão da notícia. No entanto, ninguém considera isso deslize ético. E é um deslize ético grave porque causa um dano moral. Por exemplo, alguns jornais do Ceará não publicam o nome de algumas áreas. Assassinato em shopping, não sai o nome do shopping no jornal. Por que não sai? Roubo em shopping, não sai o nome no jornal. Eu vou dar um exemplo aqui. Mataram uma funcionária da reitoria no Shopping Benfica. Não saiu o nome do shopping nas coberturas dos jornais. Teve um assalto no Iguatemi. Não publicaram o nome do shopping. Os jornais não publicaram. O Povo não publicou. O Diário não publicou. Isso é um deslize ético ou uma decisão da empresa para não contrariar negócios

ou não constranger o anunciante? Não sei. Vai entrar contra o jornalista ou contra a empresa? Eu acho que a maioria dos deslizes éticos não é problema do repórter, do jornalista. São muito mais questões da empresa. E o grave deslize ético do jornalista é quando ele promove um dano moral. Quando ele induz o jornal a publicar um erro. Um erro de apuração. Isso é um dano. Isso é ético? Tudo bem, é uma falha técnica. Mas esse erro técnico implica um erro ético? Eu acho que implica. (...) Agora, os grandes deslizes são deliberados e determinados pela empresa. Por exemplo, eu lembro quando uma grande rede de varejo do Ceará quebrou, pediu concordata, nenhum jornal do Ceará publicou. A rede Paraíso. Quem publicou foi a Gazeta Mercantil. E a gente sabia. A redação sabia. Todo mundo sabia. A cidade sabia. E os jornais locais não publicaram. Certo? Eu poderia dar muitos exemplos, mas alguns eu não posso dar porque vão agredir algumas pessoas e tal.

Kucinski (2004) identifica nessas posturas uma crise estrutural na ética da produção do Jornalismo. Mas parece concordar com nosso entrevistado quanto à origem da crise. Para ele, mais “do que a incidência de desvios éticos pontuais, a característica dessa crise é o vazio ético. Nas redações, deu-se uma rendição generalizada aos ditames mercantilistas ou ideológicos dos proprietários dos meios de informação” (p. 17).

A técnica iria ao mais elementar aspecto da produção jornalística, a própria produção do texto jornalístico. A manipulação do texto jornalístico abriria brechas por onde poderiam se insinuar os deslizes éticos do jornalista, como aponta o depoimento do Entrevistado 10.

(...) eu acho que o Eugênio Bucci [Jornalista e professor, é autor de livros sobre ética do jornalismo, televisão e comunicação] quem diz que escrever bem é uma questão ética. A ética tem uma dimensão essencialmente prática. Tanto em um como no outro caso, você vai se deparar com problemas éticos. Quando eu era do Sindicato dos Comerciários [Sindicato dos Comerciários de Fortaleza - Sindcomerciários], por exemplo, ainda havia uma luta pela não-abertura do comércio aos domingos, que hoje é uma coisa normal. Na minha época, o pessoal ainda brigava muito pela não-abertura. Havia uma dificuldade muito grande de ganhar a imprensa para essa tese e também para a cobertura de alguns eventos que eram capitaneados pelo Sindicato dos Comerciários. Nessa mesma época, começaram a surgir os arrastões no Rio de Janeiro, os arrastões na praia, no calçadão, e a gente teve a ideia de colocar uma manchete [dizendo] que o Sindicato dos Comerciários iria fazer um arrastão pelas ruas do Centro. Isso foi ótimo, porque a imprensa foi em peso, e o arrastão era simplesmente uma manifestação pelas ruas e o pessoal ia parando e fechando as lojas. Como associou uma coisa à outra, aí a imprensa: “Diabo é isso? Que arrastão é esse? Vai ter confusão!” Todo mundo foi. Você pode me questionar eticamente por conta de um expediente como esse, mas, para mim, foi um artifício que utilizei para chamar a imprensa para a cobertura.

6. OS “ACASOS” DOS DESLIZES ÉTICOS

Mas a pretensa ‘cartografia’ dos dilemas e deslizes éticos enfrentados pelo jornalista, no exercício de sua profissão, mesmo na intencionalidade de orientar esses momentos em ‘categorias de realidades’, não pode se fechar em si mesma, tem que se abrir à própria dinâmica da realidade de produção do Jornalismo. E a realidade ampla do Jornalismo é a realidade dos fatos. Na transformação da realidade dos fatos numa realidade do jornalista, os ‘acazos’ podem surgir. E aí nossa cartografia se abre aos ‘causos’ de jornalistas, que enfrentaram situações inusitadas e que, por isso, tiveram sua ética questionada. Exemplificamos com um ‘causo’ do nosso Entrevistado 09.

Eu me deparei com uma coisa muito desagradável. Eu fiz um comentário na Rádio Verdes Mares pelo qual fui processado. Passei dois anos sendo processado por conta disso. Fiquei muito aborrecido. Olha o comentário que eu fiz! Eu aprendi muito com isso. Eu aprendi que, com rádio, você deve ter cuidado com as palavras que você vai dizer. Se uma palavra que você disser permitir mais de uma interpretação, você pode acabar sendo processado como eu fui. Eu fiz um comentário sobre um problema da Justiça. Eu disse: “O juiz vem, dá a liberdade a quem não pode e deixa preso a quem pode”, me referindo às pessoas que estavam presas lá no IPPS [Instituto Penal Paulo Sarasate, presídio cearense] e que, pelo tempo, já deveriam estar soltas, mas por causa de negligência na deliberação dos processos continuavam presas. “O juiz vem, dá liberdade a quem não pode”. Era o pessoal que não tinha tempo suficiente para estar solto. De repente eu recebo uma interpelação judicial e me perguntei o que havia dito na Rádio Verdes Mares. Então estava lá, eu tinha que explicar por que estava chamando os três juizes do Tribunal de venais. Venais?! Eu chamei juiz de venal?! Fui olhar a gravação. Não chamei juiz de venal. Mande a resposta e eles não aceitaram. E passei dois anos respondendo a um processo por conta disso. Ele disse: “Chamou sim! Você disse que o juiz “vende” a liberdade a quem não pode”. Eu disse: “O juiz vem [pausa], dá a liberdade a quem não pode”. Rapaz! Eu não falei não, foi uma confusão (...). Então pediram ao tradutor oficial para transcrever a fita. O cara transcreveu: “vende a liberdade a quem não pode”. Rapaz, esse cara é surdo! Dois anos do processo nas minhas costas porque eu tinha infringido a ética e a moral dizendo que o juiz era venal. Chegando à audiência, já com dor de cabeça, perguntei: “Doutor, você conhece geral do Maracanã?” Ele disse: “Quem?” Ele olha para mim e diz: “O que esse senhor tem a ver com o processo? Você não falou aí um Geraldo?” Respondi: “Eu não falei Geraldo, falei geral do Maracanã. É geral, ingresso do Maracanã! Então o senhor está vendo, mais uma vez, como a sonoridade da coisa não está batendo, eu falei geral do Maracanã. ‘O juiz chega e dá liberdade’ e não ‘vende a liberdade’.” Levei um disco do Orlando Silva [cantor, 1915-1978]. “Vamos ouvir essa música, ela tem tudo a ver com meu problema”. [Começa a cantarolar Preconceito, de Orlando Silva]: “Você vem de um palacete/ Eu nasci num barracão” (...) Na música, o homem não está “vendendo um palacete”. “Tá vendo?! Vocês vão me condenar aqui por um problema de palavra. Eu não feri a ética, coisa nenhuma, pelo amor de Deus...”. Para a minha sorte essa discussão foi parar em Brasília antes de eu ser julgado e condenado aqui. Mas veja bem como o cara pode ser enrolado numa situação com pureza ao falar. Rádio e televisão tem esse problema, tem que ter cuidado ao falar. Uma simples junção de palavra às vezes pode dar um sentido totalmente diferente do que você quer dar.

PERSPECTIVAS DE OUTRAS DISCUSSÕES

O Jornalismo está passando por muitas transformações. A tecnologia joga um peso decisivo nesse processo. Com as transformações, velhos dilemas éticos são reforçados, enquanto que outros vão surgindo. Muitas dúvidas sobressaem, mas uma certeza parece organizar esse aparente caos: a de que novos dilemas éticos, em torno da produção do Jornalismo, estão por vir. E o que esses novos dilemas sugerem? Para Kucinsky (2004, p. 24), nesse novo ambiente, “(...) as éticas socialmente constituídas cederam espaço a uma ética definida em torno de cada indivíduo, o que parece uma contradição em termos, um paradoxo, já que as condutas pessoais só podem ser avaliadas na sua articulação com outras condutas”. Estaríamos fadados a conviver com éticas ‘individuais’? No Jornalismo, como conciliar responsabilidade social da profissão, em que emerge uma compreensão coletiva no processo de sociais, com éticas individuais?

Mas, se a inserção tecnológica na produção do Jornalismo pressupõe novos dilemas éticos, ‘velhos’ dilemas continuam ‘assombrando’ o exercício profissional do jornalista. Mesmo os ‘acazos’ se interpõem à sua prática. Cada vez mais devemos lembrar Goodwin (1993) e suas desconcertantes perguntas quando nos deparamos diante de dilemas que se assomam éticos para nós, embora essas mesmas perguntas já devam ser pensadas sob esse outro ambiente de produção do Jornalismo que começamos a vivenciar: 1) o que é que nós fazemos habitualmente em casos como esse? 2) quem será prejudicado e quem será ajudado? 3) existem alternativas melhores? 4) poderei me olhar de novo no espelho? 5) poderei justificar isso perante as pessoas e o público? 6) quais os princípios e os valores que devemos aplicar? 7) Será que essa decisão se encaixa no tipo de jornalismo que eu acredito?

Esperamos poder dar nossa contribuição para esses diálogos trazendo como subsídio a vivência de nossos entrevistados, que tão bem apontam a relação entre produção do Jornalismo e ética profissional. São eles que, no cotidiano de seu trabalho, se fazem essas perguntas constantemente. E sem a participação deles, o debate pode se tornar estéril e vazio. Como vazios se tornam nossos argumentos cada vez que nos deparamos com outras situações em que a relação ética e Jornalismo é posta em confronto.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, Cláudio. A regra do jogo. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1993;

CAMARGO, Marculino. Fundamentos de ética geral e profissional. 5. ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 2004;

CHRISTOFOLETTI, Rogério. Ética no jornalismo. São Paulo: Contexto, 2008;

COSTA, Caio Túlio. Ética, jornalismo e nova mídia - uma moral provisória. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009;

GOODWIN, H. Eugene. Procura-se: ética no jornalismo. Rio de Janeiro: Nórdica, 1993;

KUCINSKI, B. Jornalismo na era virtual. São Paulo: Ed. Fund. Perseu Abramo, 2004.

NOTAS

1. *Refere-se, aqui, ao caso do assassinato de um professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE), ocorrido numa praça de Fortaleza, próximo a seu local de trabalho.*
2. *Aqui, Christofolletti faz alusão a Cláudio Abramo (1997), para o qual a ética de um jornalista deve ser igual à ética de qualquer pessoa.*

Artigo recebido em: 19 de setembro de 2015

Artigo aceito em: 13 de julho de 2016